

A ORGANIZAÇÃO DE ABRIGOS PARA PETS EM SITUAÇÃO DE EMERGÊNCIA CLIMÁTICA: A EXPERIÊNCIA DAS ENCHENTES DE MAIO DE 2024 EM PELOTAS/RS

EDGAR PORTO RAMOS¹; FLÁVIA ARAUJO²; FABIANO MILANO FRITZEN³

¹Universidade Federal de Pelotas – edgarpr@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – flaahguerra.fg@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – fmfritzen@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A crescente frequência de desastres naturais, como enchentes, incêndios e terremotos, ocasionados pelas mudanças climáticas mundiais ocorridas neste século, têm gerado a necessidade de respostas rápidas e eficientes por parte do poder público para proteger tanto pessoas quanto animais afetados. Em maio de 2024, a cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, foi severamente impactada por uma grande enchente, que forçou a evacuação de inúmeras famílias, principalmente dos bairros São Gonçalo, Colônia Z3, Recanto de Portugal e Laranjal, deixando muitos animais de estimação desabrigados. Neste contexto, os abrigos emergiram como uma estrutura emergencial crucial, abrigando pets e garantindo sua segurança e bem-estar durante esta crise.

Arruda *et al* (2019), em um estudo sobre as características das instalações e da gestão de abrigos públicos de animais no estado do Paraná, ressaltam a importância de instalações adequadas e de uma gestão eficaz para promover o bem-estar animal. Segundo Galdioli (2022, p. 85), “em muitos municípios ainda não existem políticas públicas de manejo populacional de cães e gatos”, o que é uma necessidade para a gestão de abrigos. O estudo de Galdioli (2022), embora seja realizado em um tempo diferente do contexto dessa pesquisa, anuncia a necessidade de planejamento e gestão, a fim de instrumentalizar voluntários, protetores e gestores no manejo dos animais abrigados.

Neste sentido, o presente estudo adota como tema a gestão de abrigos para animais por ocasião de eventos climáticos e se delimita ao processo de montagem e operação de três abrigos de animais durante a enchente de maio de 2024, em Pelotas/RS.

A presente pesquisa centra-se na experiência dos voluntários e organizadores na montagem e operação de três abrigos durante a enchente de maio de 2024, na cidade de Pelotas, buscando responder à seguinte pergunta: como foi a experiência de voluntários e organizadores de três abrigos para pets durante a enchente de maio de 2024, na cidade de Pelotas/RS? A partir dessa perspectiva, o estudo adota, como objetivo geral compreender experiência de voluntários e organizadores de três abrigos para pets durante a enchente de maio de 2024, na cidade de Pelotas/RS.

A relevância deste estudo está, principalmente, no olhar do gestor para as estratégias adotadas pelos voluntários, para as condições de organização dos abrigos e para a comparação com práticas identificadas em outras regiões, a fim de contribuir com o aprimoramento de gestão de abrigos de animais em futuras situações de emergência climática.

2. METODOLOGIA

Este estudo adotou uma abordagem qualitativa e exploratória para investigar a organização e gestão de três abrigos de animais. Em relação aos procedimentos técnicos, adotou-se o levantamento.

A coleta de dados foi realizada por meio de dois instrumentos: um questionário online, enviado aos voluntários e a um organizador, e uma entrevista semiestruturada com uma das voluntárias do abrigo. A entrevista forneceu detalhes sobre a experiência vivida e as práticas de manejo implementadas durante o período crítico. A entrevista foi gravada com o consentimento da participante e, posteriormente, transcrita para facilitar a análise. As mesmas perguntas utilizadas no questionário online foram aplicadas na entrevista, garantindo consistência na coleta de informações.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das respostas dos voluntários que atuaram nos abrigos revela pontos importantes sobre a organização e os desafios enfrentados. Os voluntários relataram que o processo de resgate dos animais foi conduzido de várias formas, com a participação da Defesa Civil, utilizando carros e até barcos para acessar áreas inundadas. Apesar do esforço de resgate, alguns voluntários não estavam diretamente envolvidos nessa fase e atuaram, principalmente, no cuidado dos animais já abrigados.

A maioria dos entrevistados atuou em abrigos que abrigaram entre 60 e 126 cães, além de um número significativo de gatos, 30, em média. A capacidade dos abrigos variava conforme a demanda, e muitos animais resgatados não tinham tutores identificados, o que dificultou o controle e a gestão dos pets. Mesmo assim, um dos aspectos positivos foi a identificação dos animais. Segundo Arruda *et al.* (2019), a ausência de um sistema adequado de identificação nos abrigos compromete a gestão dos animais, dificultando o controle do número de pets e os cuidados adequados com animais. A falta de identificação dos tutores, em particular, pode agravar problemas de superlotação e dificultar a organização dos serviços necessários para o bem-estar animal, cenário semelhante ao observado nos abrigos onde muitos animais resgatados não tinham tutores identificados.

Em todos os abrigos, foi relatada a criação de fichas para cada animal, onde constavam informações como nome, tutor (quando identificado), e outras características importantes. Esse sistema de prontuário facilitou o controle e cuidado dos animais, embora um dos voluntários tenha mencionado que a falta de recursos e o tempo limitado afetaram o processo de organização de algumas fichas. No estudo de Galdioli (2022), ressalta-se que a ausência de identificação adequada dos animais em abrigos compromete não apenas a gestão eficiente, mas também o controle de doenças e a situação imunológica dos pets. Em cenários emergenciais, como o enfrentado nos abrigos, a falta de identificação dos tutores e o elevado número de animais resgatados sem histórico claro agravam os desafios de manejo e aumentam o risco de propagação de doenças, além de dificultar o retorno dos animais aos seus donos.

Os voluntários também destacaram a criação de ambientes individualizados para os animais, com camas e baias separadas, o que ajudou a evitar conflitos entre os pets. Entretanto, um dos maiores desafios relatados foi o ambiente físico do abrigo, que sofria com as condições climáticas adversas daquele período, como chuvas intensas e falta de espaço adequado para todos os animais.

No que se refere à coordenação e comunicação, a maioria dos voluntários apontou que a interação entre organizadores e voluntários foi boa, facilitada por grupos de WhatsApp e reuniões presenciais. Entretanto, alguns desafios surgiram na distribuição das tarefas e na gestão dos turnos, com a necessidade de um maior número de pessoas para atender a demanda. Escalas de trabalho e horários bem definidos foram mencionados como práticas eficazes na gestão do abrigo.

Entre os maiores desafios identificados pelos voluntários estavam a escassez de pessoal, a falta de recursos como coleiras adequadas e a dificuldade de manejo em situações de stress, tanto para os animais quanto para os próprios voluntários. Além disso, um voluntário ressaltou a importância de maior organização na entrada e saída dos animais para evitar conflitos ou acidentes.

Vale destacar, ainda, que durante o pico da crise climática no mês de maio, a Prefeitura Municipal de Pelotas possuía a gestão de 8 abrigos na cidade, de um total de 64 locais mapeados pelo projeto AbrigosRS (PREFEITURA MANTÉM QUATRO..., 2024). Destes, pelo menos quatro abrigavam pessoas e animais e um exclusivamente animais. Também em maio, a Prefeitura Municipal de Pelotas, com apoio do Ministério Público, emitiu orientações para abertura e funcionamento de novos abrigos comunitários. Os abrigos já existentes deviam se adequar às normas. São dez pontos que precisavam ser observados, tanto pelos responsáveis pelos novos abrigos, quanto pelos já existentes, para garantir o atendimento integral e a segurança aos acolhidos (PELOTAS CRIAÇÃO DE..., 2024). Nenhum dos 10 pontos trazia orientações para a organização e/ou gestão de abrigos para animais.

Portanto, a baixa ingerência da Prefeitura Municipal de Pelotas sobre os abrigos para animais durante o período das enchentes de maio de 2024 merece destaque. Para Antonio (2016) a lacuna presente na compreensão e atuação cotidiana das instituições públicas, a exemplo de prefeituras e defesas civis, prevalece em situações de crise climática. Para o autor, a existência de animais em um contexto de desastres é ignorada totalmente, pelo menos nos primeiros momentos da crise aguda, pelas autoridades competentes. Mesmo sendo uma tarefa também indispensável: o resgate de vidas ou mesmo dos corpos, dos animais. Afirma, ainda, que não há uma exigência para esses órgãos públicos agirem diferentemente, pois faltam diretrizes de como proceder para lidar com a população animal afetada.

4. CONCLUSÕES

A pesquisa revelou que, apesar das dificuldades em alguns pontos, os abrigos de animais foram organizados de forma colaborativa, com voluntários desempenhando um papel crucial. As práticas de identificação dos animais e a organização dos turnos de voluntariado foram aspectos eficazes para o sucesso da operação. No entanto, foram identificadas áreas de melhoria, como a necessidade de mais voluntários e recursos, além de uma melhor preparação das baias para enfrentar as condições climáticas do momento.

Uma das conclusões mais importantes é a necessidade de capacitação específica para voluntários em situações de emergência climática, especialmente no manejo de animais em condições de stress. Também foi evidenciada a importância de um planejamento antecipado para garantir que as infraestruturas dos abrigos sejam adequadas para situações de crise. O trabalho colaborativo entre voluntários e organizadores se mostrou essencial, mas a experiência

também indica que mais estratégias de longo prazo, como parcerias com o poder público e a criação de protocolos de emergência para abrigos de animais, são necessários para responder de forma mais eficaz e não sobrecarregando os voluntários nas futuras situações de emergência como essa.

Observou-se algumas limitações na pesquisa com destaque para a amostra reduzida, alguns voluntários contatados não responderam ao questionário que, embora tenha oferecido dados valiosos, pode não refletir a totalidade das experiências vivenciadas em todos os abrigos de Pelotas. Nesse contexto, a pesquisa baseou-se nas memórias dos participantes, o que pode traduzir a experiência particular destes participantes em específico do decorrido neste evento. Assim, sugere-se uma abordagem de estudo mais aprofundada ao tema para que se consiga uma visão mais completa para contribuir com o aprimoramento de gestão de abrigos de animais em futuras situações de emergência.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUDA, E.C. *et al.* Características relevantes das instalações e da gestão de abrigos públicos de animais no estado do Paraná, Brasil, para o bem-estar animal. **Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia**, v. 71, n. 1, p. 232–242, 2019. Disponível em: <https://tinyurl.com/4zfxwxch>. Acesso em: 3 set. 2024.

GALDIOLI, L. **Avaliação da gestão de abrigos e situação imunológica dos animais**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Agrárias, Programa de Pós-Graduação em Ciências Veterinárias. Defesa : Curitiba, 03/03/2022. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1884/77463>. Acesso em: 3 set. 2024.

GIL, A. C. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

PREFEITURA MANTÉM QUATRO abrigos ativos em Pelotas.